



POEMAS FEITOS DE BARRO

A beleza do Vale do Jequitinhonha está, acima de qualquer coisa, no amor que as pessoas que lá vivem cultivam por sua terra.

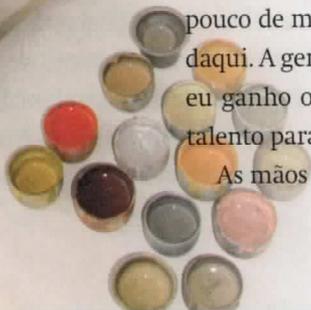
Mesmo em um ambiente hostil, maltratado pela seca e sempre associado à imagem de pobreza, há lugar para manifestações de arte proporcionadas pelas mesmas mãos que brigam contra o solo duro e a incerteza das chuvas para produzir alimento.

Na comunidade de Coqueiro Campo, no município de Minas Novas, ao norte do estado de Minas Gerais, as adversidades impostas pela natureza e pela interferência do homem no meio ambiente servem de motivação para Deuzani Gomes dos Santos. Mineira do Vale, como gosta de ressaltar, Deuzani divide o tempo entre o trabalho na roça, a produção de bonecas e noivas de barro no ateliê improvisado nos fundos da casa e também a poesia, uma paixão recente pela qual descreve um Jequitinhonha além da miséria.

Nos últimos anos, o tempo para a lavoura tem se tornado cada vez menor, sinal de que o artesanato tem rendido bons frutos.

Aos 48 anos, casada há quase 30 com o agricultor Joaquim Gomes dos Santos, com quem tem 3 filhos, Deuzani dedica a maior parte do dia transformando barro bruto em peças delicadas, repletas de detalhes, de expressões e de sentimentos. "Meu trabalho tem muito mais do que barro e tinta. Tem um pouco de mim e de como eu quero que as pessoas se lembrem daqui. A gente dá a nossa alma em cada peça porque é dela que eu ganho o meu pão", reforça a artesã que herdou da mãe o talento para o artesanato.

As mãos ainda carregam os calos do trabalho no campo. Na





O VALOR DE VALER MUITO

Hoje eu vejo os valores
De aprender a lição.
Cresci e o mundo mudou
As crianças de hoje em dia
Têm tudo nas mãos.
Têm merenda na hora certa,
Têm material, transporte,
Professores qualificados
Onde todos são amigos,
Onde o saber é direito
E não sorte.

memória ainda estão vivos os tempos difíceis quando o marido se via obrigado a migrar para a região Sudeste atrás de trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar. Foram 15 anos de idas e vindas. E hoje até Joaquim participa da produção, cortando a lenha para o forno e amassando o barro.

Nesse período, a inspiração de Deuzani corria para a lembrança do marido e, embalada pela saudade, produzia as noivinhas de barro do Jequitinhonha, cada uma carregando um sentimento diferente, quase como um autorretrato. “O meu humor influencia na arte, principalmente na pintura. Quando estou com saudade ou muito brava, a peça logo percebe”, conta a artesã enquanto sorri olhando para uma noiva inacabada. “O sorriso é a marca da gente. A tristeza atrai muita coisa ruim e a gente

tem que resistir. Aqui todo mundo migra, vai embora trabalhar. Mas o sorriso das mulheres não pode ir.

Tem que ficar”, reforça a bonequeira sem perceber que acaba de compor mais um poema.

Mais do que inspiração, o Vale fornece matéria-prima para Deuzani, uma espécie de contradição para uma terra que se caracteriza pela ausência, pela falta. Além do barro, ela retira das pedras encontradas na região as diferentes tonalidades de que precisa para colorir as peças e utiliza penas de galo e pontas de bambu para pintá-las. “É preciso muito cuidado porque, antes de queimar, a cor é uma. Depois é outra”, explica a artesã enquanto lembra orgulhosa que suas peças, cujos preços variam entre R\$ 4,00 e R\$ 180,00, já foram enviadas até para a Suíça.

Entre o tempo de plantar, de colher e de produzir sua obra de arte, Deuzani encontra espaço para apresentar – com o português que aprendeu até a quarta série – o Vale onde mora, muito maior do que a imagem consagrada da seca, muito além das dificuldades e das dores naturais para quem convive com um ambiente tão duro. Nas palavras da poetisa-artesã, um Vale diferente, com a cara de quem vive nele.

